

ROMPENDO FRONTEIRAS GENÉRICAS NA DISSERTAÇÃO ACADÊMICA: UM ESTUDO DE CASO

Anna Elizabeth Balocco (UERJ)

Resumo: Este artigo ocupa-se de uma dissertação de Mestrado produzida na área de Letras / Literatura, que reclama uma revisão das fronteiras entre os gêneros discursivos na academia. A par de apresentar uma análise de aspectos textuais da dissertação, o artigo traz a voz da autora do trabalho para sua página, comentando a escolha de uma macro-estrutura não-canônica para sua dissertação. A decisão de abordar a mescla de gêneros na dissertação e de incluir a perspectiva do participante discursivo representa uma tentativa de estabelecer relações entre as textualidades discutidas e as condições de produção da dissertação.

Palavras-chave: discurso acadêmico; discurso disciplinar; gênero textual.

Abstract: This article focusses on a Master's dissertation in the area of Literature, which challenges the boundaries between academic genres. Apart from an analysis of textual aspects of the dissertation, the article introduces the writer's own voice, making comments on the choice of a non-canonical macro-structure for her dissertation. The decision to deal with a hybrid genre and to include the discourse participant's perspective represents an attempt at establishing connections between the textualities discussed and the conditions of production of the dissertation.

Key-words: academic discourse; disciplinary discourse; genre.

1 – INTRODUÇÃO

O discurso acadêmico é freqüentemente visto como uma entidade homogênea, caracterizada por convenções uniformes e objeto de consenso no que diz respeito à sua função. Neste arti-

go, no entanto, esta concepção é substituída por outra, que encara o discurso acadêmico como heterogêneo, constituído de uma pluralidade de vozes e subjetividades, que tendem a entrar em conflito umas com as outras.

Se tomamos o discurso acadêmico na área dos estudos literários como um exemplo, dirigindo nossa atenção à natureza da argumentação nesta área, reconhecemos posições diferentes e antagônicas. Para alguns estudiosos, uma argumentação persuasiva na área dos estudos literários apóia-se necessariamente em evidências textuais (LANGER, 1992, p. 82); outros estudiosos, no entanto, argumentam que os textos não oferecem evidências estáveis e que cada gesto interpretativo tende a ser comprometido com os interesses e valores daquele que interpreta. Na área dos Estudos Culturais, por exemplo, a “evidência experiencial” é valorizada, principalmente quando esta experiência representa os chamados grupos minoritários: escritores afro-americanos e gays ou lésbicas têm incorporado narrativas sobre suas experiências sociais em sua prosa acadêmica. Um exemplo aqui é *bel hooks*, que sempre enuncia a posição a partir da qual fala, indicando explicitamente para seus leitores ou leitoras que devem tomar seus enunciados e os seus argumentos como motivados pelas suas experiências sociais como uma mulher afro-americana produzindo conhecimento numa América branca e etnocêntrica (HOOKS, 1994, p. 12).

Estas concepções diferentes da natureza da argumentação nos estudos literários traduzem-se em convenções discursivas características de uma determinada posição. A “epistemologia da evidência”, por exemplo, privilegia uma prosa impessoal, objetiva, marcada pelo rigor científico, enquanto as epistemologias que se opõem àquela privilegiam uma prosa subjetiva, inventiva, fundada numa “erótica da evidência” (KOSOFKY SEDGWICK, 1994, citado em DUBROW, 1996, p. 30) A metáfora usada por Kosofsky Sedgwick dirige nossa atenção para o envolvimento forte, de natureza sexual, entre leitor e texto, em flagrante oposição à figura do leitor/pesquisador distanciado de seu objeto de estudo.

A academia apresenta-se assim como uma formação discursiva complexa (FOUCAULT, 1987), com regras contraditórias regulando a enunciação neste espaço institucional, refletindo as controvérsias que aí existem sobre seus propósitos e seus métodos. Nesta linha de pensamento, Dillon (1991, p. 9) propõe a seguinte definição para o discurso acadêmico, destacando seu caráter fragmentário: “[o discurso acadêmico] é construído socialmente em comunidades específicas (...) de acordo com as *paixões e os interesses* (...) de seus membros”. (grifo meu).

A par do foco na natureza fragmentária do discurso, a citação também tem relevância neste artigo em função de sua concepção sócio-construtivista, que se opõe ao chamado enfoque retórico, muito usado nos estudos do discurso acadêmico. O pressuposto básico do enfoque retórico é o de que há formas apropriadas de produção do conhecimento, que variam em função do seu propósito, de um auditório específico e de dada ocasião. A noção de que a linguagem varia em função do contexto é inquestionável; no entanto, a ênfase excessiva no papel do contexto como determinante do discurso deixa muito pouco espaço para a invenção, ou criação. O enfoque sócio-construtivista apresenta-se como uma tentativa de equilibrar esta perspectiva, destacando aspectos de agenciamento do discurso: o discurso acadêmico opera a partir de determinadas convenções, mas há espaço para os escritores manipularem e transformarem estas convenções.

É a partir desta perspectiva que a escrita acadêmica apresenta-se como um “ato de identidade” (IVANIC, 1998, p. 32), que pressupõe percepção das possibilidades de auto-representação em determinada área disciplinar, mas que admite percursos além daqueles desenhados por estas possibilidades:

[Ao escrever] as pessoas alinham-se a possibilidades de auto-representação definidas socioculturalmente, desempenhando seu papel na reprodução ou no questionamento de práticas discursivas dominantes, a par dos valores, crenças e interesses nelas investidos.

As concepções de discurso e de escrita aqui representadas baseiam-se numa visão dinâmica da *identidade social*: nossas identidades são o resultado de processos lingüísticos e discursivos (HALL, 1998). É através do contacto com os diferentes discursos que circulam à nossa volta que construímos nossa identidade $\frac{3}{4}$ nas dimensões de raça, gênero, sexualidade e classe social, mas também na dimensão de nossos papéis ocupacionais, ou nossas identidades profissionais.

Tendo em vista este quadro teórico, estabelece-se, neste artigo, como proposta de trabalho, o exame de uma dissertação de Mestrado produzida na área de Letras / Literatura, que reclama uma revisão das fronteiras entre os gêneros textuais na academia.

As próximas seções descrevem as bases conceituais e a metodologia adotada nesta pesquisa. Em seguida, são feitas breves considerações sobre a mistura de gêneros e a macro-estrutura textual da dissertação de mestrado que constitui o *corpus* desta pesquisa, seguidas da discussão de dados levantados através de entrevista com a autora do trabalho. Na conclusão, fazemos breves considerações sobre as implicações pedagógicas da visão sobre a escrita acadêmica proposta neste artigo.

2 – BASES CONCEITUAIS

O estudo das convenções do discurso acadêmico difundiu-se no Brasil no início da década de 1990, com pesquisas que se ocuparam de diferentes *gêneros discursivos*, a partir de estudos pioneiros de Swales (1990) sobre o artigo acadêmico. Em seu estudo, e fiel à noção de *gênero* em circulação naquela época, o autor apresenta um modelo para o estudo da macro-estrutura do artigo acadêmico, relacionando-a às práticas discursivas características de determinadas comunidades disciplinares.

No Brasil, dentre os vários autores que se ocuparam de diferentes gêneros do discurso acadêmico, sobressaem os trabalhos de Motta-Roth (1995) sobre a resenha acadêmica; de Bittencourt (1995) sobre resumos acadêmicos (*abstracts*); de Hendges (2001) sobre artigos acadêmicos eletrônicos, para citar apenas alguns.

No caso da prosa sobre a literatura, há autores que argumentam que prevalece nesta área uma tradição ensaística, que inviabiliza o estudo das suas convenções discursivas (cf. SWALES & FEAK, 1994, p. 2). Não se discute o fato de que a prosa nesta área tem uma importante dimensão ensaística e “performativa” (o termo é de Barthes citado em MARTIN, 1996, p. 11): parte do *ethos* do autor nesta área depende de sua habilidade no uso criativo da linguagem. No entanto, parte do seu *ethos* também se constrói no apelo a valores compartilhados, a normas e convenções específicas deste domínio disciplinar.

No que diz respeito a padrões micro-textuais, a mesma atitude se repete: há autores que não vêm possibilidade de tratamento sistemático da prosa sobre a literatura, tendo em vista a variedade de estratégias discursivas na prosa acadêmica nesta área. Há outros, no entanto, que argumentam que há “uma continuidade essencial entre as humanidades e a ciência” (HALLIDAY & MARTIN, 1993, p. 123) e dão como exemplo o padrão de impessoalidade observado em vários gêneros acadêmicos nas duas grandes áreas.

Muitos estudos sobre gêneros do discurso acadêmico atêm-se à análise dos seus traços formais. Outros, no entanto, abordam as relações entre os traços do gênero discursivo em discussão e características da situação de enunciação. Este é o caso deste estudo, que busca relacionar os traços da dissertação em discussão a aspectos do seu contexto de produção, procedimento característico da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1995), quadro teórico no qual se situa esta pesquisa.

“Gênero”, nesta pesquisa, é entendido como uma prática social afetada por variáveis históricas e culturais. Esta visão permite deslocar a ênfase dos traços de estabilidade dos gêneros para a sua instabilidade e lidar com o fenômeno da hibridização, destacando a forma como os gêneros apresentam elementos, tanto de múltiplas ordens do discurso, quanto de variadas categorias genéricas.

O quadro de referência teórico da Análise Crítica do Discurso, fornece, portanto, um contraponto a estudos de gêneros que não dão conta de gêneros híbridos e sequer da forma como os gêneros se apresentam subordinados a outros gêneros, numa teia complexa de relações que concorrem para a produção de sentidos de determinado tipo. Nas palavras de Rajagopalan (2001, p. 189), “fora do mundo idealizado por alguns teóricos, os gêneros híbridos são apontados como a regra e não mais uma exceção”.

Como ferramenta conceitual nesta pesquisa, precisamos ainda da distinção entre “tipos textuais” e “gêneros” apresentada em Marcuschi (2002, p. 22), mas defendida por Swales (1990) no âmbito dos estudos anglófonos do discurso. Enquanto os “gêneros” são entendidos como formas de ação ligadas a determinadas esferas da vida social, ou a eventos sociais, os “tipos de texto” designam um conjunto finito de estruturas discursivas (narração, descrição, argumentação, exposição), marcadas por determinadas características formais. Como exemplos de “gêneros” temos os artigos de opinião, romances, receitas, cartas pessoais, aulas, resenhas, *chats*, telefonemas, dissertações acadêmicas.

O critério na identificação de um gênero, nesta pesquisa, é o seu propósito comunicativo ou função: o gênero representa uma forma de ação social voltada para a consecução de determinados objetivos. O gênero “cartas pessoais”, por exemplo, que será abordado neste artigo, serve para reafirmar laços afetivos entre os participantes discursivos e caracteriza-se pelos seguintes traços: 1) tematizam a dimensão interpessoal da linguagem; 2) caracterizam-se pela sua heterogeneidade tipológica, ou pela combinação

de estruturas discursivas: há trechos descritivos, narrativos, ou mesmo dissertativos em cartas (SILVA, 1988, p. 75).

Já o gênero “dissertação acadêmica” tem como objetivo apresentar, num fórum público de especialistas, em determinada área da academia, um assunto de interesse daqueles especialistas. Do ponto de vista da forma como se textualiza este gênero, as dissertações acadêmicas caracterizam-se pelos seguintes traços: 1) tematização do assunto (segundo terminologia hallidayana, foco na dimensão ideacional da linguagem); 2) organização “lógica”; 3) homogeneidade tipológica, consistindo numa exposição analítico-argumentativa.

Finalmente, precisamos do conceito de “ordens do discurso” para completar o quadro de referência teórico da pesquisa, que faz referência à classificação de discursos com base em critérios institucionais. Distinguem-se, assim, os discursos jornalístico, acadêmico, literário ou ficcional, religioso, jurídico, dentre outras possibilidades. Esta classificação permitirá o exame da mistura de ordens do discurso na dissertação em discussão (discurso acadêmico e ficcional), como discutiremos adiante.

3 – METODOLOGIA

A dissertação que constitui o *corpus* desta pesquisa tem como tema textos ficcionais produzidos por mulheres homoeróticas. Trata-se de um estudo comparativo de quatro autoras brasileiras: Valéria Melki, Stella Ferraz, Fátima Mesquita e Vange Leonel.

A escolha desta dissertação como *corpus* da pesquisa justifica-se pelo fato de a mesma fugir completamente ao esquema canônico observado neste gênero discursivo, que apresenta os seguintes traços formais, na área dos estudos sobre Literatura: a dissertação desenvolve-se como uma exposição analítico-

argumentativa, em que o escritor apresenta uma proposição em relação à obra em discussão, expressa como um ponto de vista ou argumento, e várias asserções de apoio ao ponto de vista.

Do ponto de vista discursivo, o escritor faz mais do que apresentar um argumento na dissertação: ele procura re-criar uma experiência de leitura daquele texto e compartilhá-la com o seu leitor. Para tanto, ele precisa desempenhar diferentes funções, que se traduzirão em papéis discursivos em diferentes dimensões (BALOCCO, 2000, p. 14). Num primeiro plano, no papel de pesquisador, o escritor traz para o seu texto informações sobre a obra literária sob seus diferentes aspectos: o contexto histórico/discursivo da obra, informações sobre o escritor, sobre a obra como gênero literário, dentre outras possibilidades. Num segundo plano, adotando o papel de “narrador”, o escritor constrói uma representação da obra literária, destacando aqueles elementos considerados relevantes para o seu argumento. Observa-se um terceiro papel, em que o escritor, assumindo a sua responsabilidade como crítico, avalia ou tece comentários sobre a obra literária, suas propriedades formais, o conjunto da obra do autor e a crítica anterior. Finalmente, no papel daquele que constrói o seu próprio texto, ele o organiza e monitora sua recepção.

Na dissertação em discussão neste artigo, apenas alguns destes papéis discursivos são manifestados em sua superfície textual, por razões que serão discutidas adiante. O foco da análise recairá sobre aspectos de sua macro-estrutura textual, de seus traços genéricos e dos papéis discursivos assumidos pela autora do trabalho. Com o objetivo de relacionar os traços desta macro-estrutura textual a aspectos das condições de produção da dissertação, conduziu-se uma entrevista com a autora da dissertação.

4 – DISCUTINDO TEXTUALIDADES

Do ponto de vista macro-textual, a dissertação em discussão apresenta elementos para-textuais (GENETTE, 1997, p. 3) que sinalizam o gênero “dissertação acadêmica”: folha de rosto com título, autoria, nomes de professores da banca examinadora; resumo; sinopse; agradecimentos; índice; bibliografia. No entanto, em seu desenvolvimento, a dissertação organiza-se em formato epistolar e apresenta-se como um relato ficcional. Segundo a autora, o que se pretende com o formato da dissertação é “preencher a teoria, retir[ando] a questão de um plano abstrato, humanizando-a” e discutir o seu “processo” de elaboração (nos termos da autora, o seu “making of”).

O caráter ficcional do texto é explicitado na primeira parte da dissertação, uma carta dirigida ao leitor (“prezado leitor”) e assinada pela autora da dissertação. Nesta carta, a autora apresenta o tema da dissertação (“a literatura lésbica contemporânea no Brasil”); a protagonista (Luciana); afirma o caráter ficcional do texto e observa que, dentre os interlocutores da protagonista, “alguns são reais, outros fictícios”. Afirma ainda que, ao adotar este formato epistolar para a sua dissertação, fez um percurso diferente dos autores pós-modernos: ao invés de trazer o ensaio para dentro da ficção, a autora traz “a ficção para dentro do ensaio, diluindo as fronteiras entre eles”.

A carta seguinte dá início à dissertação propriamente dita, pois traz a assinatura da protagonista, dirigindo-se a uma amiga a respeito de sua condição de lésbica. Nas cartas seguintes, a protagonista dirige-se a diferentes interlocutores, incluindo-se aqui seu orientador de dissertação, uma editora de selo voltado para a literatura GLS, uma pesquisadora nesta área de estudos, dentre outros.

Do ponto de vista de seu desenvolvimento, observa-se um padrão de organização fundado num movimento que vai dos

entornos da literatura GLS em direção aos textos analisados. Numa linguagem acadêmica, isto se traduz num amplo recorte, que recobre os seguintes aspectos: a comercialização da literatura GLS; a discussão do tema em vários tipos de fenômenos culturais (uma novela na televisão; a literatura popular; um artigo na internet sobre a homossexualidade em países islâmicos); um apanhado histórico do movimento; a questão da “marginalidade” dos textos sobre literatura GLS na academia; as divisões no movimento GLS que transparecem num congresso sobre Homoerotismo; o processo de feitura de uma dissertação.

O amplo recorte é viabilizado pelo próprio formato epistolar. Diferentemente do formato dissertativo, que obriga à delimitação do assunto de tal forma que o mesmo se organize em torno de um argumento central, o formato epistolar permite a justaposição de vários aspectos de determinado assunto, como é o caso da dissertação que ora analisamos.

Do ponto de vista dos papéis discursivos assumidos pela autora da dissertação, nas cartas em que se analisam as obras em discussão, mantêm-se os papéis de “narrador” (que apresenta uma paráfrase do texto a ser analisado) e de “crítico” (que tece comentários sobre o texto). Naquelas em que se discutem temas ligados às obras, o papel de “pesquisador” passa a recobrir um leque mais amplo de possibilidades: além de informações sobre o contexto sócio-histórico das obras em discussão e sobre as suas autoras, apresentam-se informações relativas ao contexto mais amplo do tema abordado (práticas de comercialização da literatura GLS; discussão do tema fora dos muros da academia; discussão do tema em fóruns especializados, dentro da academia).

O papel discursivo daquele que organiza e monitora a recepção do texto, fundamental no gênero “dissertação acadêmica” em seu formato canônico, desaparece no texto em discussão. Se na dissertação a linguagem metadiscursiva tem papel fundamental na sinalização da estrutura hierárquica da argumentação, no formato epistolar, dada a mera justaposição das cartas (e dos

assuntos abordados), o papel de sinalizar os elos entre o(s) argumento(s) central(is) e seus pontos de apoio torna-se desnecessário.

O que se ganha com esta mistura de gêneros (carta pessoal e dissertação acadêmica) na dissertação em discussão? Uma dissertação costuma apresentar-se como uma forma de dirigir-se a um público de especialistas para discussão de um tema do interesse daquela comunidade discursiva (o homoerotismo na literatura, neste caso). Ao adotar o formato epistolar, a autora acrescenta a este propósito o de abordar assuntos relativos às experiências afetivas da protagonista, possibilidade aberta pelo gênero “carta pessoal”.

A adoção de um gênero híbrido poderia ser entendida ainda a partir da noção de “política de identidades”: adotar as convenções do discurso acadêmico poderia sinalizar uma atitude assimilacionista por parte da autora, incongruente com o tema da dissertação. A julgar pelos sucessivos recortes que recobrem aspectos daquela política de identidades (a marginalidade dos estudos GLS na academia; a recepção de textos GLS; as divisões internas no movimento GLS), a dissertação em si não poderia deixar de lidar com a questão fundamental da forma como grupos excluídos se expressam, uma vez que se assumem como sujeitos de seus próprios discursos e fundam uma representação identitária para si próprios.

No entanto, tal resposta não dá conta da complexidade da questão. Se o formato epistolar permite desenvolver o tema da dissertação de forma “não-ortodoxa”, como propõe a autora do trabalho, contribui ainda para a natureza híbrida do texto a forma como ele mistura “ensaio” e “ficção”. Os elementos que caracterizam este texto como “ensaio” são os seguintes: trechos dissertativos nas cartas, em que se tematiza o assunto da tese; organização “lógica” naqueles trechos; elementos para-textuais que codificam o gênero “dissertação”. Por outro lado, o que sinaliza a natureza ficcional do texto é a carta inicial, que firma uma

espécie de “pacto” entre a autora da dissertação e o leitor, estabelecendo a não-identidade entre autora, narradora / personagem central.

O texto não é híbrido, portanto, exclusivamente em função de sua textualização epistolar. A natureza híbrida do texto deriva também de seu tratamento ficcional. Retornamos, portanto, à pergunta já formulada, mas calibrando o seu foco: o que se ganha com a mistura de gêneros (carta pessoal e dissertação) e de ordens do discurso (discurso acadêmico e discurso ficcional) nesta dissertação?

A atitude de “brincar” com as convenções do discurso pode ser vista como uma disposição pós-moderna (HUTCHEON, 1989, p. 19), cujo intuito é chamar a atenção do leitor para o caráter artificial e construído de todo discurso e das possibilidades abertas quando se questionam as suas fronteiras. No caso da dissertação em discussão, esta mistura de ensaio e ficção permite à autora abordar, a um só tempo, gêneros da alta cultura e da cultura popular (a literatura, de um lado, e o cinema e a televisão, de outro); questionar a separação entre a teoria e a prática (teorias sobre homoerotismo, de um lado, e práticas sociais em fóruns de discussão sobre o tema; experiências sociais de sujeitos homoeróticos); questionar a separação entre realidade e ficção; mostrar os bastidores, por assim dizer, da construção de um discurso na academia, ou uma dissertação. Um objetivo central desta dissertação parece, portanto, ser o de problematizar as formas de produção de conhecimento naquele espaço público.

Mas estas são hipóteses que precisam ser referendadas pela própria autora da dissertação. Reconhece-se, portanto, neste artigo, a importância da perspectiva do participante discursivo, ao invés daquela exclusivamente do pesquisador, que se localiza numa posição externa ao evento discursivo.

5 – DANDO VOZ À AUTORA

Ao ser instada a discorrer sobre o formato epistolar da dissertação, a autora observou que a decisão de adotá-lo teve origem na vontade de “desmistificar a noção de que o texto acadêmico brota da pesquisa apenas”. Para ela, a subjetividade do pesquisador deve aparecer na prosa acadêmica: suas escolhas teóricas, os fatores que subjazem a determinadas orientações de leitura; todos são fatores de interesse para a comunidade acadêmica. Uma dissertação, para a autora, é uma “colcha de retalhos”, no sentido de incorporar diversas vozes, diversos fragmentos de textos. Se a “costura” da colcha costuma ser invisível, no caso de sua dissertação foi feito um esforço no sentido de tornar esta costura aparente.

Sobre o tratamento ficcional dado ao seu texto, a autora fez as seguintes considerações. Em primeiro lugar, a decisão de ficcionalizar o texto partiu de uma vontade de brincar com o leitor, de engajá-lo numa espécie de jogo, obrigando-o a refletir sobre “as diferenças tênues entre o que é a experiência vivida e a imaginária”. Segundo a autora, a pergunta constante na cabeça do leitor, no decorrer da leitura, seria “ela diz que é ficção, mas será que é realmente?”

Em seguida, perguntada sobre a imagem que projetava de si no discurso, a autora voltou à questão do tratamento ficcional dado ao texto. Para ela, a imagem que projeta de si em sua dissertação é híbrida, marcada pela ambigüidade, como decorrência da natureza híbrida do seu texto. Esta última é resultado de o texto dirigir-se a dois tipos de auditório: um público de especialistas, na academia, cujo interesse volta-se para a parte teórica de seu trabalho; e um público de leigos, que vêm ao texto na busca de ficção. Sua intenção foi sempre a de evitar um texto “só para iniciados”, que termina nas prateleiras de bibliotecas, e produzir um texto que pudesse vir a ser publicado e colocado para o gran-

de público. Sua dissertação, acrescenta, é uma dissertação dentro do programa de pós-graduação. Tendo sido publicada, já não é mais uma dissertação.

Assim, com o tratamento ficcional dado ao texto, a autora espera ter “seduzido o público leigo para mergulhar num texto ao qual ele não está acostumado”. A ficção, para a autora, seduz o leitor e mantém o interesse pelas questões teóricas da sua temática. Quanto ao público de especialistas, os mesmos “[foram obrigados] a ler literatura lésbica”. E explica: a escolha de especialistas que compuseram a sua banca foi intencionalmente de professores cuja área de especialização não é o estudo de literaturas de minorias. Com esta atitude, a autora pretendeu “tirar a literatura lésbica do gueto” e de alguma forma vê-la “legitimada pela academia”.

Cruzando as palavras da autora com a análise desenvolvida, temos os seguintes pontos a considerar. Do ponto de vista da mistura de gêneros (dissertação e carta pessoal), confirma-se a nossa hipótese de que o questionamento das fronteiras que separam um gênero discursivo de outro estimula a reflexão sobre o próprio gênero e sobre os fatores que atuam na delimitação de suas fronteiras. Que fatores atuam na emergência do traço de impessoalidade em muita prosa acadêmica? Que fatores levam à exclusão da dimensão afetiva na dissertação acadêmica? Estas são questões que a autora sempre se colocou no decorrer de sua vida acadêmica, conforme depoimento na entrevista.

Do ponto de vista da mistura de “ordens do discurso” na dissertação (discurso acadêmico e ficcional), percebe-se que o quadro pintado pela autora é muito mais complexo do que aquele vislumbrado por esta pesquisadora. Não se trata apenas de uma atitude “pós-moderna”, que leve à reflexão sobre as formas de produção de conhecimento na academia. A dissertação vai mais além: a julgar pelas palavras da autora, seu objetivo principal parece ter sido o de “desguetificar” (o termo é da própria autora) o tema da literatura homoerótica, geralmente circunscrito a um

pequeno número de pesquisadores em eventos “paralelos” aos fóruns mais gerais sobre literatura.

Concluimos esta seção como começamos: com as palavras da própria autora, que aponta um duplo objetivo para seu trabalho – *desguetificar* o tema na academia (levando-o para pesquisadores não-especialistas no assunto) e *desguetificá-lo* fora dela (levando o tema para o grande público).

6 – CONCLUSÃO

Neste artigo, argumentou-se contra proposições de que o texto acadêmico deve responder às expectativas de uma comunidade discursiva específica, cujas práticas sociais privilegiam determinados métodos e padrões de conhecimento, pesquisa e observação.

Do ponto de vista pedagógico, nosso argumento principal neste artigo é o de que a discussão do caráter situado e aberto dos gêneros discursivos, que estão sempre em mudança, pode contribuir para uma pedagogia cujo objetivo é não somente ampliar o repertório de textos do aprendiz, mas principalmente encorajá-lo a encarar as convenções discursivas e genéricas como relativas a certa cultura e a determinado momento sociohistórico. Assim, rejeita-se a idéia de que certas convenções são consideradas “naturais” ou inerentes à escrita acadêmica, encobrendo-se a associação entre convenções discursivas e paradigmas de conhecimento; tradições de leitura; ou, de forma mais ampla, condições de produção dos gêneros.

Nossa expectativa é a de que se encorajarmos os nossos alunos a avaliarem o caráter socialmente motivado das convenções discursivas, as suas escolhas no momento da produção textual serão informadas por uma compreensão de sua relação com o discurso disciplinar do qual se aproximam e no interior do qual buscam negociar uma identidade para si próprios.

Se voltarmos nossa atenção para as formas através das quais os aprendizes apropriam-se criativamente dos recursos discursivos disponíveis em suas comunidades disciplinares, a escrita deixará de ser vista como a realização de uma capacidade cognitiva apenas – isto é, como a habilidade de reconhecer os meios expressivos da linguagem, de organizar a informação, ou de sinalizar a organização de um texto. A escrita passará a ser vista sob outra ótica – como uma “performance discursiva”¹, através da qual o aprendiz constrói uma determinada identidade social para si próprio, como leitor que adota os valores sociais de determinada comunidade discursiva; que estabelece um diálogo de determinado tipo com os seus membros; e que inscreve no seu texto sua percepção de seu papel social na academia, como reproduzidor de valores sociais institucionalizados, ou como produtor de novas experiências sociais e de novas práticas de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALOCCO, A. Padrões de avaliação e de organização textual no artigo acadêmico na área da pesquisa literária em inglês. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- BITTENCOURT, M. *Academic abstracts: a genre analysis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1995.
- DILLON, G. *Contending rhetorics: writing in academic disciplines*. Bloomington: Indiana University Press, 1991.
- DUBROW, H. The status of evidence. *PMLA*, 111, 1, 1996. p. 26-35.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. London: Longman, 1995.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GENETTE, G. *Palimpsests: literature in the second degree*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.

¹ O termo é encontrado em Halliday & Martin, 1993.

- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.
- HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. *Writing science: literacy and discursive power*. Pittsburgh: The University of Pittsburgh Press, 1993.
- HENDGES, G.R. Novos contextos, novos gêneros: a seção de revisão da literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. Dissertação de mestrado. Santa Maria-RS: UFSM, 2001.
- HOOKS, B. *Teaching to transgress*. New York: Routledge, 1994.
- HUTCHEON, L. *The politics of postmodernism*. London: Routledge, 1989.
- IVANIC, R. *Writing and identity*. Philadelphia: Benjamins, 1998.
- LANGER, J. A. Speaking of knowing: conceptions of understanding in academic disciplines. In: HERRINGTON, A. & MORAN, C. (eds.) *Writing, teaching, and learning in the disciplines*. New York: The MLA of America, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARTIN, B. Teaching literature, changing cultures. *PMLA*, v. 112, n. 1, 1996. p. 7-25.
- MOTTA-ROTH, D. Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 1995.
- RAJAGOPALAN, K. Sobre a instabilidade de gêneros. *Boletim da ABRALIN*, 26. Fortaleza: 2001. p. 187-189.
- SILVA, V. L. Paredes da. Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWALES, J. M. & FEAK, C. B. *Academic writing for graduate students*. Ann Arbor-MI: The University of Michigan Press, 1994.